

# SBPdePA Entrevista

## Virginia Ungar

Entrevista realizada por Ester Malque Litvin e Eluza Enck.

**SBPdePA** – Gostaríamos de conhecer tua experiência com a observação de bebês, especialmente a importância dessa experiência para a formação analítica.

**Virginia** – Comecei há 16 anos em Buenos Aires, com a experiência de prática e ensino do método Bick. Esse momento considero uma contribuição fundamental para a formação e a prática de qualquer analista com pacientes de todas as idades.

Há uma razão teórica de peso de que o observado seja, justamente, a relação mãe-bebê. O que acontece no vínculo entre uma mãe e um bebê é, em muitos sentidos, equivalente ao que ocorre no mais substancial do processo analítico, que é a transferência. Com o método de Observação de Bebês, treinamos para poder observar com detalhe e sistematicamente, além das condutas manifestas e dos componentes verbais da linguagem, todos os elementos que escapam ao registro da palavra e que são essenciais no processo e, além disso e fundamentalmente, de como esses processos impactam a mente do “observador”.

A observação de bebês é, sobretudo em pessoas que contam com a continência de sua análise pessoal, um método que estimula o desenvolvimento da função psicanalítica da personalidade, proporcionando modelos para pensar e modular a prática analítica, particularmente com pacientes que passam por momentos muito regressivos. Treina, na possibilidade de construir conjecturas imaginativas, que podem dar sentido aos vínculos emocionais precoces atualizados na transferência, situações às quais nos deparamos com frequência no trabalho com pacientes muito perturbados.

**SBPdePA** – Como começou a observação de bebês na APdeBA?

**Virginia** – Essa pergunta me leva a uma história que lembro com muito carinho e gratidão. Em uma das visitas de Donald Meltzer à APdeBA, saímos com um pequeno grupo para almoçar com ele durante a pausa do meio-dia. Fiquei atrás do grupo, acompanhando Meltzer, que caminhava um pouco mais devagar e co-



mentava sobre o lindo dia e o azul do céu em Buenos Aires. Em um momento de nossa caminhada, disse a ele: “Faz muito tempo que quero fazer observação de bebês e não consigo que minha Sociedade o aprove”. Meltzer parou, olhou-me e disse “Virginia, pare de se queixar e monta tua própria tenda”.

E foi assim que comecei fora da APdeBa. Convoquei pessoas de diferentes instituições e formamos quatro grupos. O nosso estava composto por cinco analistas já didatas – cada uma conseguiu seu bebê e nos supervisionávamos por fax (não havia Internet) com pessoas que foram recomendadas pela Tavistock Clinic de Londres, um apoio importante no que chamamos de Grupo Piloto.

Uma vez que tivemos a experiência, oferecemos o seminário como optativo na APdeBA, e assim segue até hoje.

**SBPdePA** – Você acha que a ORPB deveria fazer parte do currículo da Formação Psicanalítica? Ou você considera que a obrigatoriedade de observar criaria resistência?

**Virginia** – Conforme disse na resposta anterior, ainda que seja ideal que o método Bick faça parte do treinamento psicanalítico, penso que é melhor que seja optativo, que as pessoas se aproximem por curiosidade, por interesse e com certa dose de coragem para embarcar em uma experiência que vai mudá-las para sempre.

**SBPdePA** – Você considera interessante que o analista possa participar do grupo de supervisão da ORPB e não observar diretamente um bebê?

**Virginia** – Não me parece interessante “escutar” sobre a experiência, parece-me que é diferente o “viver” ou o aprender da experiência (em termos de Bion). Não se trata de acumular um conhecimento, trata-se de atravessá-lo, com suas delícias e suas dores, como toda experiência de aprendizagem.

Mas também é certo que se faz o que se pode, nem sempre o que se quer; então, se essa é a forma de começar para alguns, também pode ser uma maneira de aproximar-se do método a participação sem observar “seu” bebê.

**SBPdePA** – Fala-se com frequência da resistência dos analistas em fazer a observação, e não se fala sobre a resistência institucional em colocar a observação no currículo da formação analítica. Você concorda com essa afirmação? E qual seria a razão da resistência tanto institucional quanto pessoal?

**Virginia** – O tema da resistência à análise nos coloca em uma posição de explorar as próprias resistências. Como afirmou Bion, nós, analistas, estamos acostumados a pensar e a trabalhar sobre as resistências dos pacientes e descuidamos de explorar com que facilidade os pacientes conseguem despertar nossas próprias resistências. Isso pode ser estendido validamente para as instituições psicanalíticas.

**SBPdePA** – Uma crítica frequentemente levantada ao método de ORPB é de que tudo é registro de comportamento, de que é fenomenológico e, portanto, não psicanalítico. Você também ouviu esse tipo de crítica? E como você responde e/ou se posiciona em relação a?

**Virginia** – Com certeza há críticas, e muitas, que devemos levar em consideração. Nesse ponto, precisamente – de que descrevemos fenomenologicamente o que observamos –, seria certo firmarmos com o passo 1, que é o da *observação*, e com o 2, que é o do *registro*. Mas, no passo 3, que é o da *discussão grupal*, são construídas hipóteses, conjeturas imaginativas que dão sua marca ao método. Em algum trabalho com as colegas com as quais iniciei essa prática, dissemos que esse terceiro momento do processo é o momento psicanalítico do método, no qual várias mentes juntas refletem sobre sua tarefa a partir de uma perspectiva psicanalítica.

**SBPdePA** – Com muita frequência, quando se fala em ORPB, ouve-se dos próprios colegas analistas a ideia de que essa prática seria indicada apenas para quem trabalha especificamente com crianças, gestantes ou pais-bebês. O que você diria sobre isso?

**Virginia** – Penso que a prática desse método é útil para todos os analistas que trabalham com pacientes de todas as idades, ao treinar a capacidade de observação. Também, em algum trabalho, disse que penso que o bebê humano nasce com uma grande capacidade de observação, que vai perdendo, em parte, como um preço por ingressar na cultura e, em parte, porque essa função fica “capturada” por diversas circunstâncias do desenvolvimento e se reduz, estreitando-se. Esse método pode ajudar a recuperar a capacidade de observação e a melhorá-la.

**SBPdePA** – É possível fazer um paralelo entre o método E. Bick de observação de bebês e o método psicanalítico?

**Virginia** – O método Bick encontra um lugar cômodo no contexto da teoria das relações objetais precoces. Como sabemos, a técnica kleiniana/pós-kleiniana



baseia-se na exploração da transferência precoce com seu concomitante correlato contratransferencial. A observação de lactentes é um instrumento adequado para ajudar o desenvolvimento da receptividade dessas transferências no trabalho clínico com a criança e os pacientes adultos, sendo esta uma das razões da proposta como parte da formação psicanalítica. Com precaução, podemos dizer que há vários aspectos do método, como o enquadramento, a neutralidade, a regra de abstinência, que podem ser relacionados, sempre deixando claro que o método analítico se relaciona com a sessão analítica.

**SBPdePA** – Uma pergunta que frequentemente ouvimos quando propomos a ORPB é: *em que medida a observação vai valer, vai acrescentar ao analista em seu trabalho?* O que você responderia?

**Virginia** – A essa pergunta só posso responder: *nada do que tenha a ver com a psicanálise*. Nesse caso, o Método Bick pode ser considerado uma aplicação do método analítico; pode ser “vendido” ou propagandeado. Nos dois casos, somente passar pela experiência vai dar a convicção sobre as contribuições da prática. Posso convidá-los a fazê-la e, como para mim contribuiu muito, talvez consiga lhes transmitir meu entusiasmo.

**SBPdePA** – Qual a importância do grupo de supervisão da observação?

**Virginia** – Como disse antes, a reunião semanal grupal é, a meu ver, o momento psicanalítico do método. Várias mentes refletindo juntas, pensando em conjeturas e também encarnando, cada um dos integrantes do grupo, as distintas personagens da mente do observador ou aspectos do seu self. Pode-se dizer que os diversos pontos de vista surgem de acordo com as diferentes identificações que os membros do grupo assumem com os integrantes do campo observacional (mãe, bebê, pai, irmão, avós, empregada, etc.).

Torna-se visível, em seguida, a tendência a interpretar a experiência que o observador transmite ao grupo. A ideia é que, nesse momento, no qual aparecem os diferentes *pontos de vista ou vértices*, está a base de uma aprendizagem pela experiência sobre a complexidade da vida mental. Assim, fica claro que teorizar em um momento prematuro é mais uma defesa contra a dor da experiência emocional ou a dor da ignorância.

A tarefa grupal nos provê, também, um material vivencial, como observadores e como analistas depois, sobre como se constroem *conjeturas-hipóteses* provisórias que poderão ser sustentadas pela recorrência de um mesmo *pattern*, descartadas frente a outras evidências ou enriquecidas por novas observações. Essa tarefa pode ocorrer somente em grupo, que, através das contribuições de seus diferen-

tes integrantes, possibilitará o surgimento de múltiplas perspectivas. Os *significados* que surgem no trabalho grupal são *conjeturas*. Essa maneira de trabalhar serve como modelo para pensar a tarefa com pacientes durante a sessão analítica. Não se trata de a interpretação veicular o saber de um analista sobre o mundo interno do paciente, mas da aproximação de hipóteses sobre as quais paciente e analista vão construindo significados.

**SBPdePA** – Uma questão que sempre aparece nos observadores, no início, é a da preocupação com a intrusão na intimidade de uma família. Você tem a mesma experiência?

**Virginia** – Essa é uma preocupação que surge em praticamente todos os grupos no início. Penso que o grupo demora para se constituir como grupo de trabalho, e é nesse tempo, até que cada integrante “consiga” seus bebês para observar, que surgem perguntas como estas: *irão me aceitar em uma casa todas as semanas? Não estaremos sendo intrusivos na intimidade da família? Ou alguma opinião como: Eu não entendo como vão me aceitar, se quando tive meu bebê tivessem me proposto isso, eu não teria aceitado de maneira alguma.*

Durante o tempo em que trabalhamos esses temas no grupo, fazemos exercícios com fotos de recém-nascidos e bebês pequenos, estimulando os integrantes a descrevê-los.

À medida que o tempo passa, esses questionamentos ficam para trás. Na minha experiência de tantos anos com a coordenação de grupos, não me lembro de algum integrante que não tenha conseguido um bebê.

Em uma pequena pesquisa que realizamos, identificamos que, ao finalizar a experiência, o observador podia entender um pouco melhor o motivo de ter sido aceito pela família e, mais, de ser esperado. Encontramos, muitas vezes, mães que não recebiam o suporte necessário de sua família de origem (mães ocupadas, ausentes, falecidas, conflitivas).

**SBPdePA** – Quando identificamos uma dificuldade importante no vínculo mãe-bebê, nos colocamos a questão ética de intervir ou não, de não assistir “de camarote” uma interação que se desenvolve com muitas dificuldades e com prejuízo evidente para o bebê. Como vocês procedem?

**Virginia** – É uma das possibilidades em uma experiência de observação de bebês. Aí é colocada à prova a capacidade de tolerância do observador. Nisso, o grupo ajuda muito e, em alguns casos, chega-se a intervir. É preferível que a demanda surja da família, mas, se isso não acontece, será preciso refletir e inter-



vir com muito cuidado. A situação ideal é a de poder fazer uma derivação para que a família consulte.

**SBPdePA** – Pensamos que a ORPB é uma ocasião ímpar para se observar a “normalidade” ou uma situação que se aproxima muito dela. Você está de acordo com essa ideia?

**Virginia** – Estou muito de acordo, e mais, é a senha que damos à família quando solicitamos ser aceitos para observar seu bebê.

Muito obrigada!

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA  
Tradução do espanhol: Ana Rachel Salgado

---

Virginia Ungar  
Rep. de la India 2921, piso 11  
1425 Buenos Aires – Argentina  
e-mail: [virgungar@fibertel.com.ar](mailto:virgungar@fibertel.com.ar)